

O Caso Núcleo/AzMina e o poder do jornalismo de impacto para expor viés de gênero em plataformas digitais¹

Ariele Lima da Silva²

Talyta Singer³

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

RESUMO

Este estudo analisa o poder do jornalismo de impacto a partir do caso da reportagem “Como o TikTok alimenta a misoginia entre adolescentes brasileiros” (Núcleo Jornalismo e AzMina, 2025), que expôs mecanismos de amplificação de discursos misóginos na plataforma. Adotou-se uma abordagem qualitativa, baseada no estudo de caso da reportagem e realização de entrevistas combinadas com pesquisa bibliográfica e documental. O caso estabeleceu um debate importante para a regulação de plataformas no Brasil, contudo, a persistência de conteúdos misóginos após a divulgação da investigação revela os limites estruturais da atuação jornalística isolada.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo de impacto; plataformização; TikTok; algoritmos; misoginia.

INTRODUÇÃO

Este estudo analisa o poder do jornalismo de impacto a partir do caso da reportagem “Como o TikTok alimenta a misoginia entre adolescentes brasileiros” (Núcleo Jornalismo e AzMina, 2025), que expôs mecanismos de amplificação de discursos misóginos na plataforma. A investigação serve para discutir como o jornalismo pode desafiar a governança das plataformas e de que modo estratégias de impacto reconectam o jornalismo a seu papel público.

A plataformização das redes digitais redefine não apenas estruturas técnicas, mas também práticas socioculturais e dinâmicas de poder. Nesse cenário, as plataformas funcionam como intermediárias que regulam visibilidades, interações e fluxos de informação, muitas vezes sob lógicas opacas de governança algorítmica (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020). No campo jornalístico, autores como Philip M. Napoli (2024) alertam que à medida que plataformas reduzem equipes de moderação e priorizam engajamento, enfraquece-se o escrutínio sobre conteúdos nocivos (como discursos misóginos). Para o autor, o jornalismo deve assumir um papel proativo de vigilância constante, contestando a mediação algorítmica e reivindicando transparência.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Narrativas contra-hegemônicas associadas às materialidades digitais, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação, 6º semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios do DCH-3/UNEB, e-mail: arielelims@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Professora do Curso de Jornalismo em Multimeios da UNEB, e-mail: talytasinger@uneb.br

Dados do Reuters Institute Digital News Report (2024) evidenciam que o TikTok consolida-se como plataforma preferencial entre audiências jovens, superando redes tradicionais em termos de engajamento e tempo de exposição. Esse fenômeno é particularmente significativo no Brasil, onde a pesquisa TIC Kids Online (2024) revela que 93% dos adolescentes entre 9 e 17 anos são usuários ativos de internet, sendo que 41% acessam o TikTok diariamente.

Diante desse contexto, o jornalismo de impacto surge como uma estratégia potencial para contestar assimetrias e fortalecer o jornalismo digital, ao combinar métodos investigativos com ações diretas que pressionam por mudanças. A discussão sobre o papel transformador do jornalismo exige, antes de tudo, uma definição clara do que se entende por impacto nesse campo. Pesquisadores como Pitt e Green-Barber (2017) argumentam que veículos de mídia têm adotado o impacto social como métrica central para sua sustentabilidade, entendendo-o como mudanças concretas no status quo decorrentes de suas produções. Essa perspectiva vai além da mensuração quantitativa de alcance, focado em efeitos tangíveis na sociedade. Como destacam Ferrer-Conill e Tandoc (2018), métricas de impacto qualitativas, como alterações em políticas públicas ou respostas institucionais, são tão ou mais relevantes que indicadores tradicionais como visualizações e compartilhamentos.

DESENVOLVIMENTO

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, baseada no estudo de caso da reportagem e realização de entrevistas combinadas com pesquisa bibliográfica e documental. Segundo Yin (2005), o estudo de caso qualitativo permite investigar um fenômeno contemporâneo em seu contexto real, sendo particularmente adequado para analisar situações complexas onde as fronteiras entre fenômeno e contexto não são claramente evidentes. Já sobre a técnica da entrevista, Duarte (2004, p. 215) afirma que se bem realizadas “permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade”. Nesse sentido, a reportagem foi selecionada como caso emblemático por representar uma iniciativa de jornalismo de impacto que confronta diretamente as lógicas de plataformação.

Complementarmente, realizou-se pesquisa bibliográfica sobre plataformação (Poell, Nieborg e Van Dijck, 2020) conforme a perspectiva de Lima e Mito (2007), que destacam o valor deste método para explorar temas emergentes e propor novas

interpretações. Para garantir rigor analítico, o estudo considerou ainda documentos complementares, incluindo a representação da deputada federal Erika Hilton contra o aplicativo no Ministério Público Federal e dados disponibilizados pelo relatório anual da Reuters Institute e TIC Kids Online Brasil. Essa combinação de ferramentas metodológicas buscou abordar tanto a dimensão discursiva quanto os efeitos concretos da iniciativa jornalística, oferecendo análise do potencial do jornalismo de impacto como forma de resistência à opacidade das plataformas digitais.

A reportagem “Como o TikTok alimenta a misoginia entre adolescentes brasileiros”, publicada em 03 de abril de 2025 pelo AzMina em parceria com o Núcleo Jornalismo, adquire relevância quando analisada sob o cenário midiático atual, caracterizado pela hegemonia de plataformas algorítmicas e pela predominância de formatos curtos de vídeo como vetores de informação. Fundado em 2015, o AzMina é um veículo voltado para a abordagem de diferentes pautas sob uma perspectiva de gênero. Já o Núcleo Jornalismo, criado em 2020, tem como missão investigar, analisar e divulgar como as tecnologias digitais afetam o cotidiano das pessoas, contribuindo assim para o desenvolvimento de uma internet mais consciente e acessível.

A reportagem combina dados estatísticos, depoimentos pessoais e análises de especialistas para construir um panorama preocupante sobre como o algoritmo do TikTok pode reforçar estereótipos de gênero e normalizar a violência contra mulheres. As fontes utilizadas são diversificadas, incluindo mães, psicólogas e cientistas sociais. Essa pluralidade de vozes enriquece a análise, mostrando diferentes perspectivas sobre o tema.

Para entender o processo de produção, perguntas previamente estruturadas foram enviadas para a analista de audiências e repórter do AzMina, Flávia Santos. Visando um aprofundamento nos aspectos metodológicos da reportagem. Santos (2025) relata que a pauta originou-se do depoimento de uma colaboradora da revista. A profissional manifestou sua preocupação:

Ela tem um filho de quinze anos, e falou “Gente está chegando muito conteúdo problemático pro meu filho, eu estou muito preocupada porque ele é adolescente e eu não quero que meu filho seja escroto, então a gente está tendo que ter conversas constantes com ele. Eu acho que isso rende uma pauta. Porque não deve ser só no celular dele”. (SANTOS, 2025)

Para investigar o fenômeno, adotou-se uma metodologia experimental em parceria com o Núcleo Jornalismo, colaboração estabelecida desde a criação do MonitorA, projeto de monitoramento de violência política de gênero online durante as eleições. Na reportagem, a jornalista Sofia Schurig, do Núcleo, elaborou perfis fictícios de meninos de 14 e 15 anos, cujos feeds foram monitorados por dois meses. Inicialmente expostos a conteúdos neutros (como tecnologia e culinária), os perfis passaram a receber, de forma gradual e automatizada, vídeos motivacionais, religiosos e de extrema direita, evoluindo para desinformação política e misoginia explícita. O estudo evidenciou como o algoritmo do TikTok, ao priorizar o engajamento, normaliza e amplifica a violência de gênero entre jovens, expondo falhas sistêmicas na governança das plataformas digitais.

Santos (2025) argumenta que tais recomendações algorítmicas refletem o comportamento humano nessa escalada de discursos religiosos e conservadores, não apenas no TikTok, mas nas principais plataformas digitais.

O algoritmo espelha o consumo. Se usuários buscam conteúdo de extrema direita, conservador e misógino, a plataforma interpreta que há uma correlação entre eles. O TikTok lucra com esses discursos, e esse não é um problema exclusivo dessa rede. Escolhemos focar nela por sua popularidade entre jovens, mas a META também enfrenta questões similares, especialmente após a decisão de Zuckerberg de reduzir os filtros contra discurso de ódio (SANTOS, 2025).

A ascensão do TikTok entre usuários jovens ocorre paralelamente a duas tendências: a priorização algorítmica de conteúdos polarizantes, como aponta o Reuters Institute (2024), e a migração global do consumo informativo para formatos de vídeo curto, acessados semanalmente por 66% dos usuários. Esses fatores criam um cenário propício à amplificação de discursos misóginos, já que a lógica de engajamento das plataformas privilegia conveniência e viralidade em detrimento da origem ou qualidade do conteúdo.

Nesse contexto, a investigação jornalística ultrapassa o status de denúncia pontual para assumir papel estratégico no debate sobre regulação de plataformas e direitos digitais. Seu impacto foi materializado na denúncia da deputada Erika Hilton ao Ministério Público Federal, o que explicita a capacidade do jornalismo de impacto em

articular evidências técnicas com demandas sociais, preenchendo lacunas deixadas por modelos tradicionais de moderação de conteúdo.

No documento encaminhado, foi requerida a abertura de investigação para apurar a atuação do TikTok no uso de algoritmos automatizados que expõem, de forma direcionada, adolescentes a conteúdos com teor misógino. Foi solicitado também que a plataforma interrompesse imediatamente tal prática, sendo obrigada a apresentar estudos técnicos sobre os critérios adotados no direcionamento de conteúdos para menores de 18 anos e implementando mecanismos eficazes de controle e denúncia de materiais discriminatórios e de ódio. (HILTON, 2025, p.14-15)

A intersecção entre os achados da reportagem e os dados macro sobre consumo midiático juvenil (TIC Kids Online, 2024) reforça a urgência de se investigar como plataformas moldam percepções de gênero em fase crítica de desenvolvimento identitário, tornando o caso um marco para pesquisas sobre democracia digital e adolescência.

CONCLUSÕES

A reportagem representa um marco no jornalismo de impacto ao revelar, com rigor metodológico, como os algoritmos das plataformas digitais não apenas refletem, mas amplificam discriminações estruturais, entre elas, a misoginia. Em um contexto em que essas plataformas se consolidam como intermediárias centrais da informação pública, torna-se cada vez mais necessário discutir sua regulação de forma ampla e estruturada.

Ao mesmo tempo, o caso expõe a necessidade de repensar os próprios modelos de operação do jornalismo, rompendo com lógicas predatórias baseadas em cliques. A investigação não apenas impulsionou a pauta da transparência algorítmica, como também reforçou a urgência de um marco regulatório no Brasil que enfrente os desequilíbrios de poder no ambiente digital.

No entanto, a permanência de conteúdos misóginos mesmo após a publicação da reportagem escancara um problema mais profundo: as plataformas operam em uma lógica essencialmente reativa, em que remoções pontuais não alteram dinâmicas sistêmicas de engajamento e visibilidade. Esse cenário evidencia que é preciso uma coalizão ativa entre legisladores, sociedade civil, setor jornalístico e instituições

acadêmicas para reivindicar auditorias independentes, fomentar modelos de negócio alternativos e investir em educação midiática crítica.

REFERÊNCIAS

ADIB, Luisa; SENNE, Fabio; PITTA, Marcelo; BARBOSA, Alexandre. *TIC Kids Online Brasil 2024: Principais Resultados*. São Paulo, 2024.

AZMINA. Como o TikTok alimenta a misoginia entre adolescentes brasileiros. *AzMina*, São Paulo, 3 abr. 2025. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/como-o-tiktok-alimenta-a-misoginia-entre-adolescentes-brasileiros/>. Acesso em: 9 abr. 2025.

BARBOSA, Suzana; MOTA, Alexandre; NAPOLI, Philip M. É difícil imaginar uma instituição que precise mais de escrutínio constante do que as plataformas digitais. *Contemporânea*, v. 22, n. 1, p. 107-119, jan./abr. 2024. Disponível em: <https://www.contemporanea.poscom.ufba.br/article/view/36026>. Acesso em: 9 abr. 2025.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2025.

FERRER-CONILL, Raul; TANDOC, Edson. The audience-oriented editor: Making sense of the audience in the newsroom. *Digital Journalism*, v. 6, n. 4, p. 436-453, 2018. <https://doi.org/10.1080/21670811.2018.1440972>.

HILTON, Erika. *Representação*. Brasília: Ministério Público Federal, 9 abr. 2025.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Kairós*, v. 10, n. 1, p. 15-28, 2007.

NÚCLEO JORNALISMO; AZMINA. Reportagem de Núcleo e AzMina motiva representação contra o TikTok no MPF. Núcleo Jornalismo, 9 abr de 2025. Disponível em: <https://nucleo.jor.br/institucional/2025-04-09-reportagem-de-nucleo-e-azmina-motiva-representacao-contra-tiktok-no-mpf/>. Acesso em: 9 abr. 2025.

PITT, Fergus; GREEN-BARBER, Lindsay. The case for media impact: a case study of ICJ's radical collaboration strategy. *Tow Center for Digital Journalism*, Columbia Journalism School, 2017. Disponível em: <https://academiccommons.columbia.edu/catalog/ac:jdfn2z34w2>. Acesso em: 18 abr. 2025.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. *Fronteiras - Estudos Midiáticos*, v. 22, n. 1, p. 2-10, jan./abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>.

REUTERS INSTITUTE FOR THE STUDY OF JOURNALISM. *Reuters Institute Digital News Report 2024*. Oxford: University of Oxford, 2024. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZUBOFF, Shoshana. A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.